

Resenha crítica do livro “Tecnologias para a Educação Inclusiva”

Resenhistas:
Ana Maria Ribas de Jesus¹
Denise Tomiko Arakaki Takemoto²

Raíça, Darcy (Org.). **Tecnologias para a Educação Inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008.

Darcy Raíça é Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de São Paulo (USP/SP). Professora titular e chefe do Departamento de Tecnologias da Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Coordenadora dos cursos de pós-graduação *lato sensu* Educação Inclusiva e Deficiência Mental e Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação da PUC/SP.

A obra intitulada *Tecnologias para a Educação Inclusiva* organizada por Darcy Raíça possui onze capítulos, é composta de reflexões das práticas e pesquisas de mestres e doutores de universidades brasileiras renomadas, bem como de contribuições do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Tecnologias Interativas aplicadas à Educação da PUC/SP.

Os temas abordados na coletânea do livro abrem espaço à reflexão sobre possibilidades teóricas e práticas relacionadas à Educação inclusiva e o uso da Tecnologia na Educação. Portanto, esse livro é recomendado para os profissionais da Educação inseridos nessa sociedade contemporânea, que buscam formação em uma perspectiva social inclusiva subsidiada pelas tecnologias.

No primeiro capítulo a pesquisadora Darcy Raíça descreve o cenário atual da educação abordando os temas “*Tecnologia e Educação inclusiva*”, trazendo-nos um breve histórico das políticas públicas relacionadas ao incentivo da acessibilidade digital nas escolas brasileiras. Ao mesmo tempo, nos chama a atenção para o rompimento de paradigmas tradicionais escolares embasados na classificação e homogeneização dos alunos, e ainda, para o fato de existirem escolas equipadas tecnologicamente sem a devida articulação à proposta pedagógica, dando ênfase à não otimização dos recursos tecnológicos no processo do ensino e da aprendizagem, bem como da necessidade de preparar o professor para uma boa aplicação dos recursos tecnológicos na educação, caso contrário, os profissionais correm o risco de serem produtores de exclusão.

Em seguida, temos a contribuição do professor doutor José Manuel Moran com o artigo “*As muitas inclusões necessárias na Educação*”. O autor apresenta sete tipos de inclusões

¹ Professora de Língua Inglesa, mestranda em educação/UCDB, técnica da Divisão de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Campo Grande-MS e membro do grupo de pesquisa em tecnologia e educação a distância-GETED.

² Professora de matemática, especialista em tecnologia na educação/PUC/RIO, chefe da Divisão de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Campo Grande-MS, coordenadora do PROINFO Integrado UNDIME/MS e membro do grupo de trabalho EAD/FORPEMS.

acerca dessa temática: 1) *Educação como direito e menos como negócio*, nos leva a refletir sobre os paradoxos existentes na educação: a educação como necessidade e direito de todos com foco na formação de cidadãos críticos que primam pelo desenvolvimento integral do ser humano, articulação entre ideias sentimentos e valores, isto é, ênfase no pedagógico e a educação como negócio, cujo foco é o investimento e a lucratividade. Nesse caso, enfatiza-se a concepção administrativa. Para o autor, podemos conviver com os dois cenários de forma equilibrada, desde que a concepção administrativa não se sobressaia à pedagógica. 2) *Inclusão Digital na Educação*, nos alerta que escolas desconectadas, mesmo que didaticamente avançadas, sem acesso às redes digitais estão excluídas da aprendizagem atual dentro de uma sociedade caracterizada pela informação e conhecimento por meios digitais. 3) *Inclusão da sociedade na Educação* levanta questões sobre a participação da família no ambiente escolar e os limites físicos da sala de aula para aprendizagem, ou seja, tirar proveito pedagógico dos espaços culturais existentes na própria cidade ou em outras localidades, como cinema, teatros, parques,...Para tanto, o laboratório de informática pode ser um importante espaço que oportuniza a integração entre o mundo concreto e o abstrato. 4) *Inclusão de bons professores* constitui peça fundamental para a mudança educacional. É necessária uma formação adequada do ponto de vista pedagógico. 5) *Inclusão afetiva na relação pedagógica* nos chama atenção para a prática da pedagogia da inclusão, pois mesmo dentro da escola muitos alunos são excluídos e ignorados continuamente pela comunidade escolar. 6) *Inclusão de bons gestores*, o autor considera de fundamental importância a presença de um bom gestor para dinamização da escola e motivação de todos os envolvidos no processo escolar, a fim de fomentar redes de aprendizagens entre professores e alunos e seus pares. Destaca, ainda, a necessidade da articulação efetiva da escola com a associação de pais e com a comunidade, além de defender a incorporação dos saberes da comunidade no currículo escolar. 7) *Tecnologias para inclusão de deficientes* abordam os problemas existentes na escola relacionados ao acesso dos portadores de necessidades especiais, tais como: infraestrutura e preparação dos professores para lidar com esse público e nos traz sugestões que podem contribuir para minimizar os entraves apresentados. Contudo, o autor afirma que as tecnologias não são o centro da mudança educacional, pois tal mudança requer o envolvimento afetivo e ético de todos os envolvidos na educação.

O texto da professora doutora Maria Elisabete Brisola Brito Prado "*Os princípios da Informática na Educação e o Papel do Professor: uma abordagem inclusiva*" resgata a história do uso do computador na educação, articulando as teorias do desenvolvimento e da aprendizagem com a teoria do construcionismo. Nessa vertente discute o papel do professor e os princípios da informática na educação, pautados nas teorias de Piaget, Dewey, Vygotsky e Paulo Freire, defendendo que o professor necessariamente não precisa dominar tecnicamente todos os recursos do computador, mas visualizar as possibilidades pedagógicas, restrições e suas implicações no processo ensino aprendizagem dos alunos com foco em uma educação de qualidade e inclusiva.

O quarto capítulo escrito pelo professor doutor José Armando Valente *Os diferentes Letramentos como Expansão da Inclusão Digital: Explorando os Potenciais Educacionais das Tecnologias da Informação e Comunicação*, convida os leitores a refletirem sobre o termo inclusão digital, com sustentação teórica de Sorj (2003) que classifica apropriação dos recursos tecnológicos em passiva (infra-estrutura e equipamentos) e ativa (exploração efetiva das TIC). Suscita que o uso das tecnologias digitais envolve vários

tipos de letramentos, tais como: digital, visual e informacional. Para Valente as tecnologias estão cada vez mais acessíveis, portanto, esse não é o problema da inclusão digital, e sim os novos desafios educacionais impostos aos professores e alunos, ou seja, a apropriação ativa das tecnologias e a capacidade para explorar os diferentes letramentos.

Vicente Gosciola, professor doutor, é o autor do quinto capítulo "*Realidades Permeáveis e a Inclusão na Cultura Digital: do Cinema ao ARG*", corrobora com o estudo sobre as novas possibilidades de inclusão à cultura digital por meio da presença de minicomputadores embutidos em telefones celulares. Evidencia a existência de realidades permeáveis, definidos pelo autor como os resultados de articulações entre o mundo real e o mundo virtual. Nessa perspectiva, exemplifica as possibilidades de aplicação da realidade permeável em comunicação e educação por meio do *alternate reality games* (ARGs) e outros recursos audiovisuais.

O capítulo *Ambiente de Robótica Pedagógica para Inclusão de Pessoas com Deficiência*, escrito pelos professores doutores João Vilhete Viegas d' Abreu e Maria de Fátima Garcia, nos remete a uma breve discussão sobre o conceito de inclusão social e autonomia, defendendo ainda dois novos conceitos que podem (e devem) ser integrados às políticas de inclusão digital tendo como finalidade à acessibilidade de todos às Tecnologias de Informação TI-e-Accessibility-, e a competência de uso das tecnologias na sociedade da informação-e-Competences. Para tanto, os autores sugerem a implementação de ambientes de robótica pedagógica para inclusão de pessoas com deficiência. Relata nesse artigo o desenvolvimento de ferramentas para pessoas com deficiência visual oriundas das pesquisas da área de Robótica Pedagógica do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O capítulo que compõe o tema "*Inclusão Digital de Jovens e Adultos Não Albetizados: um compromisso Histórico, Um Dever Ético*", elaborado pela professora mestre Mônica Gardelli Franco, tem como objetivo o debate sobre a inclusão digital de jovens e adultos não alfabetizados. A autora traz para a discussão, que a partir dos adventos tecnológicos tornou-se factual, o atendimento da população socialmente excluída no que se refere à democratização digital. Sobre os princípios freireanos, Franco destaca ser imprescindível desmistificar e apropriar-se da tecnologia a fim de contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária. Finaliza com o relato do Programa MOVA DIGITAL, uma experiência de sucesso na alfabetização de jovens e adultos mediados pelo uso das tecnologias.

O próximo artigo intitulado *A tecnologia como Instrumento para a Inserção de jovens ao Mundo do Trabalho e sua Integração Social*, de autoria da professora doutora Odete Sidericoudes, considera que a formação dos jovens na área de TI pode ser um diferencial para inclusão no mercado de trabalho, bem como sua integração social. Nesse contexto, a autora apresenta o "Programa para o Futuro" destinado a jovens carentes da cidade de Recife/PE, tendo como objetivo o desenvolvimento de competências para atividades relacionadas ao trabalho integrando as diferentes áreas do conhecimento, como software, hardware, matemática, português, inglês, criatividade, desenvolvimento profissional, gênero, *e-mentoring* e Linux.

O professor mestre, Roberto Sussumu Wataya, em seu texto "*Alfabetização Digital dos Deficientes Visuais: um Relato de Experiência*" expõe que a partir de uma experiência pessoal com um aluno deficiente visual, percebeu as lacunas existentes entre a inclusão e sua prática pedagógica, além da falta de estrutura e adaptabilidade no meio acadêmico. Tal fato o impulsionou a estudar, pesquisar e ampliar seus conhecimentos sobre o assunto. Wataya constatou que a tecnologia da computação poderia colaborar significativamente para minimizar alguns problemas dos deficientes visuais. Nessa vertente compartilha nesse artigo os resultados do projeto de extensão @lfabetização digit@l dos deficientes visuais, fruto de cinco anos de trabalho e pesquisa, tendo como objetivo a inclusão dos deficientes visuais no mercado de trabalho.

O penúltimo capítulo *Internet e Problemas na Aprendizagem*, de autoria da psicóloga, professora mestra Claudia Prioste, descreve a presença da internet na vida contemporânea, temática esta que tem gerado polêmicas no âmbito da educação, no que tange ao bom e ao mau uso desse recurso, sobretudo o uso compulsivo do computador e sua relação com a aprendizagem. Sob esta ótica, relata o caso de um garoto com dificuldades de aprendizagem e compulsivo por computadores. O menino teve o quadro revertido após sofrer intervenções de um professor, que o transformou de um sujeito passivo para um sujeito ativo nas redes digitais. A pesquisa de Prioste abre facetas para a discussão da necessidade dos adultos estarem atentos à relação das crianças com os computadores e a internet, caso contrário, estes recursos podem tornar-se instrumentos negativos na educação e na vida social dos seus usuários.

O último capítulo *O fio da meada: tecendo oportunidades*, escrito pelas professoras mestres Angela Salgado de A. Sandim e Maria Rosilene Sabino Dinato, aborda o papel do professor por meio de metáforas, destacando a importância da sua mediação no processo de aprendizagem em um mundo em constante transformação, permeado pelas parafernálias tecnológicas, sem perder de vista os seus ideais, sonhos e paixão de ser professor. Entretanto, as autoras apontam que a Tecnologia e a Inclusão são dois nós, encontrados no fio da meada que valem a pena serem estendidos para ampliar o tecido na busca da ressignificação da prática docente no contexto da educação inclusiva.

CRÍTICA

O livro "Tecnologias para a Educação Inclusiva", organizado por Raíça, evidencia dois grandes desafios presentes no cenário educacional: uso de tecnologias e a inclusão escolar e social. Os textos dessa coletânea atestam a maturidade acadêmica alcançada nas pesquisas, além de abrir espaço para futuras pesquisas, a fim de aprofundar os conhecimentos compartilhados na obra.

Os pesquisadores discutem nessa obra que além da diversidade de alunos, os professores deparam-se com uma infinidade de recursos tecnológicos integrados ao contexto escolar, desde os mais simples equipamentos até sistemas de educação a distância. Isso significa que educar, nessa sociedade contemporânea, exige do educador o desenvolvimento de novas competências, tanto pedagógicas como tecnológicas. Os autores afirmam que o acesso às tecnologias não garante o atendimento à diversidade

humana, mas pode contribuir com uma participação plena na sociedade, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Os pesquisadores apontam as possibilidades de tecnologias como um instrumento de inclusão, mas para que esses recursos não sejam engodos, tornando-os instrumentos de exclusão nas esferas escolar, social e profissional, é inegável a formação continuada para os profissionais da educação, práticas pedagógicas contextualizadas com o projeto político da escola, uma postura afetiva, ética e de aprendizagem permanente de todos os envolvidos, além de investimentos públicos.

Não obstante, o livro mostra o impacto e a abrangência dos debates gerados no entorno da tecnologia e da educação inclusiva, oferecendo subsídios teóricos e práticos a todas as pessoas interessadas nessas temáticas e convictas do desejo de transformarem essa sociedade, que apesar dos avanços na trajetória da educação inclusiva, ainda assim, excluí.

É importante ponderar que, após a leitura dessa coletânea, julgamos pertinente a reflexão docente quanto à prática pedagógica e ao seu papel como agente transformador, que pode romper com os paradigmas homogêneos de ensino, na perspectiva de construir uma sociedade menos excludente.

Para finalizar, convidamos os leitores a descortinarem o universo de conhecimentos que envolvem a temática apresentada nessa obra. Vale a pena sonhar e acreditar em uma educação mais igualitária, justa e democrática.